



## **O jogo de bocha como possibilidade pedagógica na Educação Física escolar**

### **The bocce game as a pedagogical possibility in school Physical**

#### **Education**

**Saulo Kuster 1**

Universidade Federal do Espírito Santo, [0000-0001-9476-157X](mailto:0000-0001-9476-157X)

[saulokust@hotmail.com](mailto:saulokust@hotmail.com)

#### **Resumo**

O objetivo deste trabalho é compreender as características e potencialidades do jogo de bocha na Educação Física escolar em uma escola do Município de Serra- ES. Fizemos, para isso, a aplicação de uma sequência didático-pedagógica de 12 aulas. Em termos metodológicos, optou-se pela pesquisa qualitativa, mais precisamente a pesquisa-intervenção. Utilizou-se como instrumento de pesquisa: fotografias, vídeos, diálogos de aula e diário de campo/aula. No percurso da sequência didática, realizou-se diálogos sobre a experiência familiar dos alunos sobre a bocha, construção de materiais para realização das aulas, organização e materialização de um campeonato de bocha escolar. Houve, ainda, a culminância avaliativa da experiência pedagógica. Observou-se a necessidade da pedagogização do jogo de bocha, adaptando-o à realidade escolar. A pesquisa mostra, também, que a bocha apresentou-se como uma prática lúdica e inovadora no campo da Educação Física, sendo capaz de melhorar aspectos técnicos e biomecânicos dos alunos de maneira divertida.

A questão que orienta este estudo é:

Palavras-chave: Bocha escolar; Educação Física; Inovação; Pesquisa-intervenção.

#### **Abstract**

The objective of this work is to understand the characteristics and potential of the game of bocce in school Physical Education in a school in the Municipality of Serra-ES. To achieve this, we applied a didactic-pedagogical sequence of 12 classes. In methodological terms, we opted for qualitative research, more precisely intervention research. The following research instruments were used: photographs, videos, class dialogues and a field/class diary. In the course of the didactic sequence, dialogues were held about the students' family experience about bocce, construction of materials for carrying out classes, organization and materialization of a school bocce championship. There was also the evaluative culmination of the pedagogical experience. There was a need for pedagogization the bocce game, adapting it to the school reality. The research also shows that bocce is presented as a ludic and innovative practice in the field of Physical Education, being able to improve technical and biomechanical aspects of students in a fun way.

Keywords: School bocce; Physical education; Innovation; Intervention research.

## **1 Introdução**



A Educação Física (EF) escolar, sobretudo, após a década 1980, foi influenciada por propostas pedagógicas elaboradas a partir de diferentes epistemologias. Nesse movimento, autores notaram que as ciências humanas passaram a ter maior protagonismo, influenciando, por consequência, a prática docente (MALDONADO; SILVA, 2016). As produções acadêmicas do século XXI mostram essa diversidade epistemológica e identificam o aumento de práticas relacionadas à cultura corporal de movimento, na qual os esportes coletivos com bola ganham menos centralidade (MALDONADO, 2016).

É possível dizer que há um considerável número de professores de EF que constroem sua prática de forma diversificada, (re) criando e fazendo contextualizações das teorias clássicas que norteiam o campo de estudo (MALDONADO, 2016). As aulas oriundas desse processo, seguindo a compreensão de Farias, Nogueira e Maldonado (2013) e Alves *Et. al.* (2018), se convertem em práticas inovadoras. Em síntese, podemos dizer que as práticas inovadoras são aquelas capazes de romper com as tradicionais, já consagradas historicamente no campo de intervenção. No entanto, a inovação não é a negação da tradição do campo da EF, mas sua superação dialética.

Não é possível listar todas as práticas inovadoras existentes na EF, haja vista que muitos professores atuantes na educação básica (educação infantil, ensino fundamental I e II e ensino médio), não convertem suas práticas em publicações acadêmicas. Podemos dizer, ancorados na investigação realizada por Fensterseifer e Silva (2011), que a ideia de inovar na prática docente liga-se ao percurso profissional do indivíduo e seu desejo de transgredir. Para os profissionais que realizam práticas inovadoras, as palavras “mudar”, “ousar”, “errar” e “acertar” são recorrentes.

Este trabalho insere-se nessa discussão de práticas inovadoras no campo da EF. A inovação, nesse caso, reside, principalmente (mas não só), no conteúdo pedagógico, pois trata-se do jogo de bocha. A bocha é uma prática comum em alguns contextos sociais e pode ser vivenciada sob diferentes prismas (KUSTER; SANETO, 2021). Em alguns casos, as canchas – campos de jogo – são construídas por prefeituras e utilizadas como “equipamento de lazer” dos idosos.

Também é possível falar da prática de bocha na sua dimensão competitiva/esportiva, como Steiger (1987), Oliveira (2017) e Leinz (1981) analisam. Por último, vemos a bocha



paralímpica, que é adaptação da prática para pessoas com deficiências (CAMPEÃO, 2002); a paralímpica, inclusive, tem sido recorrentemente investigada pela academia<sup>1</sup>.

O jogo de bocha não é um todo homogêneo, pois ele pode ser jogado e repensado de acordo com o contexto social inserido. Não havendo um campo de bocha em dimensões esportivas, é possível adaptá-lo da mesma forma que se adapta a calha<sup>2</sup> para a bocha paralímpica. Com a bocha no ambiente escolar ocorre o mesmo. No entanto, a inovação no trato da bocha enquanto conteúdo da EF não pode restringir-se à adequação do espaço e do material. É preciso ir além. Deve-se problematizar e fomentar o debate que circunda a prática e os praticantes, extrapolando o mero fazer.

Com exceção de sua variação paralímpica, vemos pouca produção acadêmica sobre a bocha. Quando enfocamos na bocha como conteúdo pedagógico da Educação Física escolar esse quadro se agrava ainda mais. Encontramos, portanto, uma lacuna acadêmica. A justificativa deste trabalho leva em conta esta lacuna, no entanto, pensamos que a relevância desse trabalho (e sua justifica) passa enfoque pedagógico dado a bocha. Em outras palavras, a justifica passa pela possibilidade de uma investigação empírica que trate a bocha como possibilidade pedagógica, mostrando suas dificuldades e possibilidades. Suas conclusões podem auxiliar na prática docente daqueles professores que se esforcem no sentido de uma prática inovadora.

Nosso objetivo de pesquisa é compreender as características e potencialidades do jogo de bocha na Educação Física escolar em uma escola do Município de Serra- ES. Fizemos, para isso, a aplicação de uma sequência didático-pedagógica de 12 aulas. Trata-se de uma pesquisa-intervenção, realizada na escola de ensino fundamental “Antônio Vieira de Rezende”, localizada no município de Serra/ES. Para este texto, analisaremos a relação dos alunos com o jogo bocha na aula de EF, articulando-o com a produção científica do campo das humanidades.

## 2 Metodologia

Em termos metodológicos, esta investigação insere-se no campo da pesquisa qualitativa. Essa metodologia é caracterizada pelo esforço de entender a realidade social por meio das

---

<sup>1</sup> Podemos dizer que a bocha paralímpica vêm sendo estudada por referenciais teóricos e campos de conhecimentos muito distintos. Passando pela investigação de aspectos ligados ao ensino da matemática, como Silva (2014); sobre os atletas da modalidade paralímpica, como vemos em Santos (2016); E sobre a bocha paralímpica na escola, como Souza Santos, Silva Fouraux (2021). Poderíamos citar muitos outros estudos que se debruçaram sobre essa modalidade. Elencamos somente alguns exemplos emblemáticos.

<sup>2</sup> A calha é o equipamento que permite o jogador de bocha paralímpica realizar o lançamento.



crenças, significados e da história<sup>3</sup>. Nas palavras exatas de Minayo (2014, p. 57): “[...] as abordagens qualitativas se conformam melhor a investigações de grupos e segmentos delimitados e focalizados, de histórias sociais sob a ótica dos atores, de relações e para análises de discursos e de documentos”.

Dentro do grande campo de conhecimento das ciências humanas, existem diferentes formas de pesquisar, às vezes dispares em si. Por exemplo: as áreas da antropologia, história, sociologia e educação, embora inseridas no campo das ciências humanas, contam com instrumentos e formas de investigação que não são necessariamente similares. Por isso, cabe salientar que, para este estudo, adotamos a chamada pesquisa-intervenção. Nesse tipo de pesquisa, a relação entre o pesquisador e o objeto pesquisado é direta e dinâmica, e está condicionada diretamente ao comportamento do grupo investigado.

A pesquisa-intervenção é caracterizada como ação, construção, transformação coletiva e análise das forças sócio-históricas. Portanto, essa metodologia dá subsídios para uma interspersão que se articula dialeticamente à pesquisa para produzir uma prática inovadora que seja capaz de tencionar a relação entre a teoria e prática e formação e aplicação de conhecimentos pedagógicos (PAULON, 2005; ROMAGNOL, 2014).

Esta pesquisa-intervenção foi realizada na “EMEF Antônio Vieira de Rezende”, que fica localizada na Rua Domingos Martins – Central Carapina, Serra, ES, no ano de 2022. Os elementos aqui explorados são frutos de intervenções realizadas em 6 turmas do terceiro ano e 4 turmas do quarto ano do ensino fundamental I. A média de alunos matriculados por turma era de 27, embora comumente frequentassem sistematicamente uma média de 24.

As aulas/intervenções ocorreram na quadra escolar (que era dividida com outra professora de Educação Física) e no interior das salas, quando necessário. Utilizamos fotografias, vídeos e diário de aula como estratégia de registro da intervenção, além de nos valermos das informações trazidas pelos alunos sobre a relação dos familiares com a bocha. A triangulação dos dados obtidos com esses instrumentos e o confronto com as pesquisas do campo pedagógico constituem a contribuição científica inédita deste estudo.

---

<sup>3</sup> Este artigo surgiu a partir de um projeto de pesquisa intitulado “Bocha como campo de sociabilidade: análise de um jogo tradicional”, aprovado no comitê de ética em pesquisa com seres humanos da Universidade Vila Velha no ano de 2017. Este projeto sofreu mudanças em seu percurso se desdobrando, finalmente, nesta investigação.



A sequência pedagógica do jogo de bocha teve a duração total de 12 aulas consecutivas e deu-se no contexto da vivência dos esportes de precisão<sup>4</sup>. Antes do jogo de bocha, os alunos vivenciaram a prática “bola no alvo” e “boliche”. Essa informação é relevante do ponto de vista metodológico e da progressão pedagógica, pois, embora a bola no alvo e o boliche resguardem alguma similaridade (são jogos de precisão) com a bocha, sua prática é menos complexa do ponto de vista das estratégias de jogo.

### 3 Por Dentro Do Jogo: Breves Palavras Sobre A Dinâmica da Bocha

O jogo consiste em situar as bochas (bolas) o mais perto possível do *bolim* (pequena bola). O adversário procura situar sua bocha ainda mais perto do *bolim* ou remover as bochas que estiverem perto do mesmo. No momento do início do jogo, a equipe que começa é escolhida através de sorteio; essa lança o *bolim* e em seguida a primeira bocha. A equipe adversária lança a primeira bola, caso se aproxime mais do *bolim* é considerado “ponto”. Após jogadas todas as bochas, é feita a contagem pelos juízes; vence a partida quem fizer o maior número de pontos (CBET, 1988).

O jogo pode ser vivenciado de forma individual, em duplas, trios ou grupos. As partidas são controladas por pontos e, geralmente, ganha quem chega a 8 ou 10 pontos primeiro, variando de cada localidade e no número de jogadores (LENZI, 1981). Seguindo a Regra Mundial de Bocha de 2012, “[...] as bochas devem ter 10,7 cm de diâmetro e peso de 900 a 950 gramas, tanto para os campeonatos mundiais, continentais, intercontinentais e copas do mundo”. E o *bolim* deve ter 3,5 a 4 cm de diâmetro.

Essas informações dizem respeito ao jogo na sua dimensão mais formal, próxima da prática esportiva, e não do jogo de bocha na sua dimensão do lazer. No entanto, embora muitos elementos materiais possam ser adaptados, a dinâmica básica do jogo persiste na bocha como esporte (paralímpico ou não), prática de lazer e como possibilidade pedagógica. Essa mesma dinâmica foi mantida no jogo de bocha da pesquisa-intervenção aqui tratada, embora o contexto

---

<sup>4</sup> Os jogos de precisão correspondem a habilidade EF12EF05 da Base Nacional Comum Curricular, e consistem em “experimentar e fruir, prezando pelo trabalho coletivo e pelo protagonismo, a prática de esportes de marca e de precisão, identificando os elementos comuns a esses esportes”.



vivenciado tenha feito com que fosse necessária a implementação gradual das regras, mudança do tamanho da cancha e substituição dos materiais originais das bochas.

## 4 Resultados e Discussões

A sequência didático-pedagógica aplicada na experiência do jogo de bocha divide-se, um tanto quanto arbitrariamente, em três momentos: 1) aproximação com a prática; 2) jogo propriamente dito; e 3) diálogo sobre a experiência. O esforço de compreender as características e potencialidades do jogo de bocha na EF escolar pode contribuir para avançar na fronteira do conhecimento pedagógico e consolidar ainda mais as perspectivas das práticas inovadoras no campo das pesquisas científicas e da intervenção.

Começamos pela aproximação dos alunos com a prática do jogo de bocha. O conteúdo do diagnóstico realizado<sup>5</sup> em sala fez com que fosse necessária uma apresentação em vídeo, pois nenhum dos alunos havia jogado bocha anteriormente; inclusive, um número reduzido deles havia escutado algo sobre prática. Optou-se por mostrar um vídeo que continha conteúdos de bocha paralímpica, esportiva (em campo oficial) e do jogo na sua dimensão tradicional<sup>6</sup>. Os minutos finais da aula foram destinados ao diálogo sobre a popularidade da bocha no município e regras básicas do jogo.

Na segunda aula da sequência didático-pedagógica, os alunos compartilharam as falas/experiências de seus familiares sobre a bocha. Vimos, nesse momento, um emaranhado de informações. Coletivamente elencamos o que, na concepção dos alunos, deveria ser registrado a esse respeito. A partir desse processo, registramos que todas as famílias já conheciam o jogo (em algum grau); muitas delas alegavam jogar ou já terem jogado anteriormente; os avós foram o público que, proporcionalmente, mostrou mais contato ativo com a prática. Essa devolutiva familiar mostrou que a bocha é um jogo muito comum naquele contexto social e, também, acentuou que parece haver um aspecto geracional ligado à prática. Essas informações foram

---

<sup>5</sup> No momento do início das aulas de esportes de precisão, os alunos foram perguntados se conheciam as atividades de bola no alvo, boliche e bocha. A partir da devolutiva dos alunos, foi solicitado que cada um perguntasse a sua família a respeito da bocha: se já jogaram; conheciam as regras; qual sua ligação com a prática.

<sup>6</sup> Mais informações sobre o jogo de bocha nessa dimensão podem ser encontradas na investigação empreendida por Silveira (2007).



retomadas em outro momento, a fim de problematizar e melhor compreender o aprendizado obtido.

Na terceira e quarta aulas, os alunos construíram as canchas (móveis), as bochas e algumas calhas. Tendo em vista a ausência de material escolar adequado, foi necessário realizar enormes adaptações. Para construir as canchas de bocha, utilizou-se cabos de vassouras doadas, garrafas plásticas de dois litros e fita colável colorida. No caso das bochas, foi preciso utilizar bolas de tênis com marcação de fita para discriminar as equipes e o *bolim*. As calhas foram confeccionadas com partes de canos de PVC.

O objetivo dessa tarefa de confecção material foi colocar os alunos como agentes centrais da aula. A literatura do campo da educação mostra que a participação ativa (que pode incluir a construção material dos objetos de aula) é uma maneira potente de fazer com que as crianças se divirtam e assimilem os conteúdos propostos (FRANCHI, 2013). Ademais, Tafarel (1985) mostra em seu estudo clássico que instigar a criatividade dos alunos é muito importante para que haja o desenvolvimento de futuros adultos críticos, uma vez que o processo de elaboração de elementos de jogo gera dificuldades e alegrias nesse percurso. A prática inovadora, portanto, transcende o conteúdo e põe o aluno na centralidade do processo educativo. No primeiro contato dos alunos com o campo e o jogo de bocha, observou-se dificuldades no que tange a dinâmica de aproximar as bochas do *bolim*. Imperava a excitação, o que gerava um ímpeto de jogar as bochas com toda a força possível, fazendo, como consequência, com que os alunos se frustrassem com a ocorrência do erro. Na busca de corrigir esse fenômeno, utilizamos a quinta aula para realizar um jogo de “pré-bocha”. Nesse momento, realizamos somente um elemento do jogo: o lançamento da bocha em direção ao *bolim*. Não fizemos, portanto, a alternância de jogadas entre os times e a ação de distanciar as bochas do adversário por meio do lançamento. Essa proposta surtiu efeito, pois foi possível diminuir as frustrações com relação à imprecisão do lançamento e, concomitantemente, serviu para reforçar aspectos ligados às estratégias do jogo.

No transcorrer da quinta aula, já foi possível observar um avanço significativo no aprendizado do lançamento. Embora não tenha sido imposta ou sugerida uma forma “certa” de lançamento, os alunos tenderam a reproduzir a forma eficaz. Dito de outra forma, a partir de uma dinâmica de tentativa e erro, os alunos adotaram uma técnica de lançamento preferida. Não se trata de uma forma “bela”, “certa” ou “padrão”, mas uma forma eficaz: que é capaz de aproximar-se do *bolim* sistematicamente. Esse processo corrobora com a reflexão elaborada



com Silveira (2007), quando estudou uma cancha de bocha no sul do Brasil. A autora nota que o lançamento de bocha tem uma dimensão plástica, que vai além de um ato meramente biodinâmico. Portanto, a EF, num quadro de busca pela inovação pedagógica, deve ter isso em mente e acolher as experiências dos alunos.

A perspectiva da inovação pedagógica do campo de educação é convergente com o respeito pela forma de lançamento criada pelos próprios alunos. Numa leitura antropológica, podemos dizer que não existe uma forma natural ou inata de se servir do corpo, pois seus usos são moldados e transmitidos por cada sociedade (MAUSS, 2018)<sup>7</sup>. Por mais “simples” ou “naturais” que pareçam aos olhos despercebidos, os gestos corporais são construídos culturalmente. O exercício de distanciamento da noção de forma “certa” ou “errada” de lançar é fundamental, pois possibilita autonomia, sem necessariamente negar a autoridade. É preciso dizer que a autonomia por parte dos alunos difere de liberdade total. Seguindo as orientações expostas nas cartas pedagógicas de Freire (2001), o professor precisa mesclar/problematizar os temas que emergem da realidade material com o conjunto dos elementos pedagógicos escolares.

A sexta, sétima e oitava aulas da sequência pedagógica foram destinadas ao jogo de bocha em toda sua complexidade. Como os alunos já haviam se aproximado paulatinamente das regras e da dinâmica do jogo nas aulas anteriores, nessas três aulas foi possível realizar jogos em grupos. Os alunos que se empenharam na compreensão do jogo assumiram também o papel de jogadores e árbitros (nas partidas dos outros competidores). Nesse momento da sequência pedagógica, exploramos e problematizamos mais detidamente a importância da inclusão nas aulas de EF. Utilizamos como meio para isso a realização de partidas de bocha paraolímpica<sup>8</sup>. O intuito foi fazer com que os alunos pudessem aprender mais sobre essa modalidade e criar consciência sobre a inclusão de pessoas com deficiências físicas e intelectuais. Foi possível observar a criação de um tipo de responsabilidade coletiva para com aqueles que jogavam com as calhas, cumprindo, assim, o papel de uma prática inovadora e inclusiva.

A nona aula aconteceu no interior das salas. Nesse momento, foi realizado um debate sobre as dificuldades, críticas e formas de melhorar o jogo. Notou-se, por exemplo, dificuldade entre os

---

<sup>7</sup> O tema das técnicas corporais foi tratado no livro *Sociologia e Antropologia*. Nesse estudo, Mauss (2018, p. 365) define as técnicas corporais como “[...] formas que os homens, sociedade em sociedade, de uma forma tradicional, sabem se servir do seu corpo”.

<sup>8</sup> Para que houvesse maiores dificuldades pedagógicas, utilizamos a mesmas regras da bocha tradicional para a bocha paralímpica.



alunos na hora de desempenharem o papel de árbitros do jogo. Tendo isso em vista, estabeleceu-se que o professor seria uma espécie de arbitro auxiliar, colaborando em casos de dúvida entre os alunos. Além disso, decidiu-se que as partidas deveriam durar o tempo máximo de sete minutos. Passado esse tempo, deveria ser dada a vitória à equipe que tivesse o maior número de pontos. Com base nisso, foi criado coletivamente um pequeno regulamento para os jogos, contando com as regras básicas criadas e chaveamento das equipes.

A progressão desse processo foi a criação do “I Campeonato de Bocha do colégio Antônio Viera de Rezende”, realizado no decorrer da décima e décima primeira aulas. A competição foi realizada em duplas, escolhidas pelos próprios alunos. Tendo em vista a rotina escolar, optou-se por não realizar um torneio aberto para as turmas. Ou seja, as competições ocorriam durante as aulas de EF, não sendo vista pelo público geral. Esse formato decorreu, principalmente, da dificuldade logística da participação simultânea de um grande número de alunos.

A criação do campeonato foi a adoção das propostas dos alunos que queriam “testar seus conhecimentos”. A ideia foi respeitar a centralidade do aluno, pois ele “[...] deve ser o ponto de partida para o planejamento dos programas de ensino [...]” (LEITE; VARGAS; SANTOS GARCEZ, 2012, p. 34). Além disso, ele “[...] deve ser integrado e influenciado a pensar e participar ativamente do seu processo de ensino, por ser detentor de conhecimentos próprios adquiridos por meio de suas vivências” (LEITE; VARGAS; SANTOS GARCEZ, 2012, p. 34).

A criação de campeonatos escolares, sobretudo de práticas inovadoras, mimetiza a competição esportiva, mas a realiza com intencionalidades pedagógicas. Essa atividade busca criar uma competição que estimula a construção de novos conhecimentos por meio das atividades lúdicas. Ademais, essa experiência é capaz de “[...] desafiar o aluno a criar soluções para as situações problematizadas pelo professor” (LEITE; VARGAS; SANTOS GARCEZ, 2012, p. 35).

O “I Campeonato de Bocha do colégio Antônio Viera de Rezende” teve como resultado final uma vitória coletiva. Optou-se, por isso, pela não distribuição de troféus ou medalhas aos finalistas; a comemoração do término do campeonato foi com música e dança. Tal escolha pautou-se na concepção de que não é preciso fomentar a competição exacerbada nessa faixa etária escolar. Pensando na substância social presente nos jogos, o esforço pedagógico foi no sentido de reforçar uma consciência de ajuda e participação coletiva.



A décima segunda aula foi último momento dessa sequência pedagógica. Nessa aula, foi realizada a culminância da avaliação. Não se trata do momento de avaliação isolado e classificatório, mas da culminância de um processo avaliativo maior. Falamos, portanto, de um ato contínuo, processual e pautado do diálogo. Sem embargo, avaliar é mais do que assumir uma técnica específica de “coleta” de dados. Seguindo os pressupostos de Paulo Freire, autor que nos oferece o arcabouço teórico avaliativo, esse processo não é neutro, é, na verdade, carregado de intencionalidade (FERREIRA; GONÇALVES, 2020).

Quando, em nossa décima segunda aula, fazemos uma conversa com alunos sobre o jogo de bocha, já temos, de antemão, as informações como o nível de avanço técnico relacionado ao jogo e principais dificuldades encontradas. Ocorre que isso não é suficiente. O diálogo cumpre o papel de desvelar elementos que a experiência mais imediata não aparenta. Paulo Freire (1987) fala da necessidade desse diálogo na avaliação, do estímulo ao “falar com”:

[...] penso que deveríamos entender o diálogo não como técnica apenas que podemos usar para conseguir obter resultados, ao contrário, o diálogo deve ser entendido como algo que faz parte da própria natureza histórica dos seres humanos. É parte de nosso progresso histórico do caminho para nos tornarmos humanos (p.122).

No mesmo livro, o autor delimita melhor a dimensão do diálogo, do debate sobre o conteúdo trabalhado nas aulas. Segundo Freire “[...] O diálogo implica responsabilidade, direcionamento, determinação, disciplina, objetivos [...]. Significa uma tensão permanente entre a liberdade e autoridade” (p. 127). A operação desses preceitos na última aula da sequência pedagógica significa adoção de três momentos existentes nessa avaliação de características Freirianas: a descrição da realidade, criação coletiva e a análise crítica (SAUL, 2008). No entanto, esse processo não é esquemático, estanque. Na verdade, eles fazem parte de um mesmo movimento articulado.

Em termos práticos, essa culminância avaliativa deu-se num diálogo com os alunos sobre todo o processo de aprendizagem do jogo de bocha. As principais queixas giraram em torno da ausência de outras turmas acompanhando e torcendo durante as partidas e a falta de um campo adequado para o jogo. Antes de contestar, buscamos, seguindo os conselhos de Freire (2001), acolher essas legítimas demandas. Pensamos que, em outras oportunidades, será possível incorporar essas questões.

Além disso, retomamos os relatos dos familiares sobre a bocha para pensar o processo de aprendizado dos alunos. Foram recorrentes falas do tipo: “meu pai me ensinava casa”; “meu avô me ajudou”; “fui ao campo de bocha no fim de semana”, “aprendi a jogar porque meu avô



me treinou”, evidenciando dois fenômenos: um deles é o interesse genuíno dos alunos pela aprendizagem e o segundo é colaboração familiar na realização do projeto. Portanto, a breve pesquisa que os alunos fizeram com suas famílias no início da sequência didática reverberou, se convertendo em uma forma de auxílio no interior das aulas de EF. Quando pensamos nos elementos que devem ser levados em conta na hora de avaliar a aplicação da sequência didático-pedagógica, a reverberação da experiência vivida para fora dos muros da instituição deve ter um espaço privilegiado, sobretudo quando estamos falando de práticas inovadoras.

## 5 Considerações finais

O objetivo deste trabalho foi compreender as características e potencialidades do jogo de bocha, na Educação Física escolar, a partir da aplicação uma sequência didático-pedagógica. Para cumprir esse objetivo, optamos, em termos teóricos-metodológicos, pela pesquisa-intervenção. Trata-se de uma sequência pedagógica de 12 aulas aplicadas na escola municipal Antônio Vieira Rezende, localizada no bairro Central Carapina, Serra, Espírito Santo.

A sequência didático-pedagógica mostrou que a bocha pode ser um conteúdo inovador no campo da Educação Física escolar, rompendo a hegemonia dos esportes coletivos (principalmente futebol, vôlei, basquete e handebol). Pensamos que a inovação pedagógica é uma superação dialética dos conteúdos já tradicionais do campo. É, portanto, a incorporação da experiência acadêmica e pedagógica do campo para pensar o novo, aquilo que está em constante construção na experiência prática.

Sem a imposição de uma técnica “certa” de lançamento das bochas, os alunos, através de tentativa e erro, e seguindo os direcionamentos familiares, conseguiram realizar lançamentos precisos. A construção dos equipamentos para o jogo e a realização de diálogos sobre as etapas da sequência didático-pedagógica mostraram-se estratégias potentes, uma vez que geraram o protagonismo das crianças e o senso de coletividade.

Apesar dos limites da intervenção, a organização e materialização do “I Campeonato de Bocha do colégio Antônio Viera de Rezende” cumpriu o papel de pedagogizar a disputa, fortalecendo a cooperação e trabalho em equipe, em detrimento da competição exacerbada. Ainda é preciso mencionar o papel que a família cumpriu no processo de ensino-aprendizagem da bocha, pois ela aproximou e incentivou os alunos da prática.



Por fim, urge a necessidade de expansão da prática de bocha no ambiente escolar e de socialização dessa experiência por meio de publicações acadêmicas. Com a materialização desse duplo processo, será possível realizar intervenções, cometendo menos equívocos, e pensar na popularização da prática em novos meios. Portanto, reivindicamos o jogo de bocha como um conteúdo pedagógico relevante e um campo de pesquisas científicas ainda pouco explorado na perspectiva escolar.

## Referências

ALVES, L. T. O.; GRASSI, G. N.; SILVA, R. N.; MALDONADO, D. T.; FREIRE, E. S. Prática pedagógica inovadora nas aulas de Educação Física Escolar: percepções de estudantes e de um professor. **Biomotriz** (UNICRUZ), v. 12, p. 81-101, 2018.

CAMPEÃO, Márcia da S. Proposta de ensino de bocha para pessoas com paralisia cerebral. **Campinas: Dissertação [Mestrado em Ciências da Saúde]** Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas, 2002.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE BOCHA E BOLÃO. **Regulamento**. Disponível em: <[cbbbbochaebolao.com.br/200000509-bc8ebbe583/LIVRODEREGRAS2012.pdf](http://cbbbbochaebolao.com.br/200000509-bc8ebbe583/LIVRODEREGRAS2012.pdf)>. Acessado em: 19 de Nov. 2023.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE DESPORTOS TERRESTRES. **Regras oficiais de bochas**. Rio de Janeiro, RJ: Grupo Palestra Sport, 1988. 18 p.

TAFFAREL, C.N.Z. **Criatividade nas aulas de educação física**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1985.

FARIAS, U. S. (Org.) ; NOGUEIRA, V. A. (Org.) ; MALDONADO, D. T. (Org.) . **Práticas Pedagógicas inovadoras nas aulas de Educação Física Escolar**: indícios de mudanças. 1. ed. Curitiba: CRV, 2017. v. 1000. 213p.

FERREIRA, Cláudia Suely Gomes; GONÇALVES, Maria das Graças Vieira Guerra. Educação dialógica: a perspectiva de Paulo Freire para o mundo da educação. **Revista de Educação Popular**, v. 19, n. 3, 2020.

FRANCHI, Silvester. Jogos tradicionais/populares como conteúdo da cultura corporal na Educação Física escolar. **Motrivivência**, v. 40, p. 168-177, 2013.

FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo; SILVA, Marlon André da. Ensaando o "novo" em educação física escolar: a perspectiva de seus atores. **Revista brasileira de ciências do esporte**, v. 33, p. 119-134, 2011.



FREIRE, Ana Maria Araújo. Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos. **Interface-Comunicação, Saúde, Educação**, v. 5, p. 147-152, 2001.

FREIRE, Paulo. SHOR, Ira. Medo e ousadia: o cotidiano do professor. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

LEINZ, Rafael. **Bocha- esporte olímpico? Técnica, aprendizagem, moral e regulamento**. Nova Prta: Edição do Autor, 1981.

LEITE, Iara Patrícia Alves; VARGAS, Julieli Malini; SANTOS GARCEZ, Beatriz. As significações da participação ativa de alunos da 5ª série do Ensino Fundamental na construção e reconstrução de jogos nas aulas de Educação Física—um relato de experiência. **Cadernos de Formação RBCE**, v. 3, n. 1, 2012.

MALDONADO, D. T. **Os bastidores da Educação Física na escola pública paulistana: a percepção da realidade cotidiana**. Tese (Doutorado) – Universidade São Judas Tadeu, São Paulo, SP, 2016.

MALDONADO, D. T.; SILVA, S. A. P. S. O jogo como manifestação da cultura corporal de movimento na Educação Física Escolar: as três dimensões do conteúdo e o desenvolvimento do pensamento crítico. **Motrivivência**, v. 28, n. 48, p. 386-403, 2016.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e antropologia**. Ubu Editora LTDA-ME, 2018.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 14. ed. São Paulo: Editora Hucitec, 2014.

OLIVEIRA, Davi Lima. **Bocha: lazer e alto rendimento**. 1. Ed. Porto Alegre: Editora Bocha, 2017. 212.

PAULON, Simone Mainieri. A análise de implicação com ferramenta na pesquisa-intervenção. **Psicologia & sociedade**, v. 17, p. 18-25, 2005.

ROMAGNOLI, Roberta Carvalho. O conceito de implicação e a pesquisa-intervenção institucionalista. **Psicologia & Sociedade**, v. 26, p. 44-52, 2014.

SANTOS, Márcio de Souza et al. **Narrativa de um atleta de bocha paralímpica: ouvindo os que não falam**. 2016.

SAUL, Ana Maria. Referenciais freireanos para a prática da avaliação. **Revista de educação PUC-Campinas**, n. 25, p. 17-24, 2008.

SILVA, Luciana Leandro. **O jogo de bocha adaptado como recurso no ensino da matemática para alunos com paralisia cerebral**. 2014. Dissertação (Mestrado) – Curso de Ensino de Ciências Exatas, Universidade do Vale do Taquari - Univates, Lajeado, 31 maio 2014. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10737/599>.



SILVEIRA, R. da. Jogo da bocha: a “cachaça” do seu Inácio. **O Esporte na Cidade: Estudo Etnográfico sobre Sociabilidade Esportivas em Espaços Urbanos**, p. 85-96, 2007.

SOUZA SANTOS, Márcio; SILVA FOURAUX, Carolina Gonçalves. Contribuições da bocha paralímpica adaptada à escola. **Revista da associação brasileira de atividade motora adaptada**, v. 22, n. 2, p. 267-276, 2021.

STEIGER, R. N. **O emocionante e espetacular esporte da bocha**. Porto Alegre: Sulina, 1987.

KUSTER, S.; SANETO, J. G. **Cancha de bocha: lazer e sociabilidade**. In: Giuliano Gomes de Assis Pimentel; Cleber Mena Leão Junior. (Org.). Lazer e recreação: contribuições no tempo presente e perspectivas de inovação. 1ed. Maringá: Clube dos recreadores, 2021, v. 1, p. 103-121.